

A atividade dos mateiros e guias na Floresta Nacional do Tapajós: trilhas que se entrecruzam¹

Leiliane Moreira de Araújo Pacheco - Ufopa²

Palavras-chave: Floresta Nacional do Tapajós-Flona; Mateiros; Guias.

O presente trabalho parte de uma pesquisa de graduação em andamento na Floresta Nacional do Tapajós-Flona. Esse território, distante cerca de 40 quilômetros da cidade de Santarém-PA, abrange 530.000 hectares do bioma tropical terrestre amazônico com floresta primária e secundária, uma rica biodiversidade e 23 comunidades que praticam pesca, extrativismo de subsistência, artesanato e turismo, inclusive científico. As comunidades mais procuradas para fins turísticos e de pesquisa são as seguintes: São Domingos, Maguari e Jamaraquá, onde um dos principais atrativos turísticos consiste em guiar grupos de visitantes em trilhas pela mata.

O trajeto das trilhas que leva os visitantes floresta adentro e ao encontro de centenárias árvores consideradas sagradas pelos comunitários, além de refrescantes igarapés, só pode ser percorrido com a presença de um guia também nomeado de “condutor comunitário” – essa designação está escrita nas camisas de trabalho produzidas pelas Associações das comunidades São Domingos e Maguari³, utilizadas como uniforme durante o atendimento aos visitantes. Destaca-se que tais guias também podem se identificar como mateiro ou filho de mateiro, como veremos adiante. Atualmente, o número de comunitários que trabalham na condução de trilhas segue na ordem aproximada de: 8 – Comunidade São Domingos; 21 – Comunidade Maguari; 42 – Comunidade Jamaraquá, havendo certa rotatividade de ingressos e saídas desses agentes, em função de circunstâncias próprias da idade, saúde, formação de novos agentes, além dos períodos de baixa e alta temporada.

Os guias e os mateiros são pessoas das comunidades que integram as Associações locais, revezando-se no atendimento aos turistas e, mais importante, são detentores de

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024).

² Acadêmica do curso de Antropologia da Universidade Federal do Oeste do Pará-Ufopa. Bolsista PIBIC-CNPq.

³ A Associação de Moradores da Comunidade de Jamaraquá – ASMORJA, também possui um uniforme oficial de uso dos seus guias. Contudo, diferentemente das outras, não há designação de função que costuma vir escrito atrás das camisas.

uma série de habilidades e conhecimentos relativos àquele ambiente. Pretendo analisar essas duas categorias, do mateiro e do guia, enquanto sujeitos praticantes de um repertório de conhecimentos tradicionais, crucial para sobrevivência e o modo de vida das comunidades.

Durante as caminhadas nessas trilhas, ora com mateiros (que também exercem a atividade de guias, e que serão de agora em diante denominados mateiros-guias), ora com guias, observamos que cada uma dessas funções apresenta um conjunto de habilidades que em parte estão no domínio de alguns sujeitos e em outros não. Um desses mateiros consegue, por exemplo, identificar no percurso da trilha um sapo-folha camuflado ou um sapo minúsculo que facilmente passaria despercebido pelos visitantes. Foi possível observar que, de modo geral, os guias que também se consideram mateiros (guias-mateiros ou mateiros-guias) apresentam um maior repertório em termos do nome das árvores, do uso dos seus frutos, sementes e resinas, ou do canto dos pássaros. A diferença entre tais repertórios, conhecimentos e habilidades, resulta do tipo de engajamento que mateiros e guias têm com aquele ambiente. Por outro lado, é importante ressaltar que todos os guias (inclusive os mateiros que exercem essa atividade) passam por treinamentos para receber turistas, oferecidos por instituições parceiras sob supervisão do Instituto Chico Mendes de Biodiversidade (ICMBio), instituição responsável pela administração e controle de entrada na Unidade de Conservação Flona Tapajós.

Este trabalho busca traçar, portanto, um contraste entre as habilidades de mateiro e de guia, destacando as aproximações e as especificidades dessas atividades, seus conhecimentos e suas formas de engajamento com a floresta, além da dinâmica de aprendizado em cada um desses casos. Buscaremos, ainda, verificar de que modo a inserção de mulheres e jovens, enquanto novos guias, vem ressignificando essas funções, destacando como a atividade de guia se tornou essencial para a dinâmica de vida dos indivíduos dessas comunidades tradicionais, marcadas por uma íntima e ancestral prática de conhecimento e relação com a natureza.

Para tanto, é necessário pontuar alguns antecedentes históricos em que a função de conduzir pela floresta foi se desenvolvendo como prática social detentora desses saberes e habilidades, processo que se inicia com a expansão europeia seguida pela tomada dos territórios ameríndios e, posteriormente, criação de instituições para pesquisa e exploração de recursos naturais além de expedições para inventários da fauna e flora. O processo de colonização também contou com o auxílio do conhecimento científico por meio da exploração do trabalho de assistentes nativos

Uma das principais formas de se contribuir para o avanço científico, especialmente na área das ciências naturais, era a organização de expedições científicas de exploração. Deslocar-se para terras distantes e ainda pouco conhecidas a fundo, como ainda eram, em grande parte, as colônias europeias nas Américas, na África ou na Ásia, e inventariar, catalogar, descrever e classificar tudo o que estava relacionado às suas potencialidades naturais era uma atividade percebida como vantajosa não apenas para o progresso da ciência, mas para o desenvolvimento econômico e prestígio internacional das metrópoles que organizavam estas expedições [...] (Costa, 2020, p. 7).

No período colonial, a necessidade de explorar os territórios do novo mundo exigiu que os naturalistas-exploradores buscassem auxiliares para suas expedições, onde nativos e africanos desempenhavam esse papel, embora como escravos. Como descreve Costa (2020):

[...] entre o início e a metade do século XIX, ainda se mostrava bastante comum a “compra” de pessoas negras e indígenas como trabalhadores em condição de escravidão para o desempenho de diversas funções. Os naturalistas estrangeiros atuantes neste período incluíam-se entre os “compradores” em potencial, não raramente adquirindo “auxiliares” para a execução das mais diversas atividades que julgassem necessárias. Bates relata a “aquisição” do menino indígena que batizou de Sebastião e que, posteriormente, converteu-se em auxiliar frequente do naturalista em suas excursões nas florestas. (p. 10).

Já no século XX, as instituições nacionais começaram a se organizar e utilizar esses serviços para suas atividades a fins de realizar mapeamentos, demarcações e projetos de ocupações estratégicas em função dos interesses do Estado brasileiro.

O método investigativo de campo implementado pela FUNAI deriva, portanto, de uma tradição indigenista consolidada por **mateiros**, os quais, em sua grande maioria, são pessoas com origem ligadas ao campo e às florestas. Estas equipes são formadas sobretudo por indígenas, camponeses, ribeirinhos e extrativistas que passaram a utilizar seus conhecimentos a fim de qualificar as ações de localização e monitoramento do órgão oficial indigenista. (Cangussu, 2021, p. 35, grifo meu).

De acordo com o autor supracitado, essa atividade resulta de um encontro de interesses entre grupos empenhados em desbravar territórios, carecendo de um serviço especializado que pudesse atender suas expectativas. Por outro lado, os detentores desses saberes, também viram nessa demanda crescente, uma oportunidade para obter um meio de renda em parceria com essas instituições, o que também lhes trouxe maior *status* para suas habilidades e conhecimentos.

A importância do mateiro também pode ser vislumbrada a partir de outros aspectos da cultura amazônica, sendo entendido enquanto um conhecedor dos mistérios e do sagrado que se manifestam naquele território, recebendo um tratamento simbólico que correlaciona sua concretude histórica com as criações poéticas do imaginário social. Exemplo disso, é a canção *Caboclo Mateiro*, que faz parte do repertório de toadas do Boi

Caprichoso, referência amazônica de festa popular com reconhecimento nacional, sediada na cidade de Parintins, no estado do Amazonas:

No despertar das manhãs
Sob o pólen das auroras
A floresta mãe aflora e lança no ar
A clorofila da vida
pro verde da mata reinar
Entre verdes canaranas
Canoas dançam no banzeiro
Caboclo de fé, forte, guerreiro
aprende com a mata o dom de curar

Em oração busca proteção
e pede permissão
aos entes da floresta
Conduzir seu caminhar
Tem uixi, babaçu, copaíba
Tem pau-rosa e leite de amapá
Tem cumaru, paxiúba e andiroba
E caranaí para palha trançar

Conhecedor das trilhas esquecidas
Vergel da cura cabocla
Veredas da vida

Eu quero ouvir o uirapuru
na floresta cantar
Caboclos felizes no rio a pescar
Vivo na Amazônia e vou lhe mostrar
Que sou caboclo, guerreiro
Mateiro filho deste chão
Com o Boi Caprichoso lhe peço atenção
A palavra de ordem é PRESERVAÇÃO

(Letra e música: Adriano Aguiar / Geovane Bastos. Boi Caprichoso: o futuro é agora, 2008, grifo meu).

A composição apresenta uma visão romântica do ser caboclo e do trabalho tradicional de mateiro, que assume o papel de sábio guardião do conhecimento de cura pela conexão direta com a natureza, sendo esse mediador que conhece o segredo das antigas trilhas que dão acesso aos insumos curativos naturais. Este saber também é permeado pelo elemento da fé que orienta ritos e práticas que incluem a necessidade de pedir permissão para adentrar os encantos⁴ com a benção de seus entes protetores, prática que ainda hoje se verifica.

Com base em Prandi (2011), cujo trabalho versa sobre cultos das entidades espirituais que compõem o panteão brasileiro das religiões afro-indígenas, no qual

⁴ Também chamados de “encantarias”: lugar onde vivem seres encantados como: Curupira, Matinta Pereira, Mapinguari, Boto, Boiuna, entre outros. Segundo Loureiro (1995), a encantaria é o panteão dos mitos amazônicos.

percebemos que esse aspecto também se encontra representado no sincretismo de entidades: “Caboclo da Mata Virgem”, “Caboclinho da Mata”, “Caboclinho Índio da Jurema” que personificam de maneira religiosa a figura do caboclo mateiro e seus conhecimentos postos na relação entre natureza – fé – cura.

Também na literatura de expressão amazônica, o mateiro aparece como personagem ligado ao ofício de mestre condutor das matas. Benedicto Monteiro (1975), no romance *O Minossauro*, demarca pela primeira vez na história da literatura local o protagonismo do mateiro encarnado na persona romanesca de Miguel dos Santos Prazeres:

Não fosse o meu terçado 128 – o senhor pensa – tínhamos ficado no meio da viagem. Tive que batalhar com todas as cores de tocaia. Principalmente o verde-febre-alta. Mas abri caminhos por todas as tonalidades. Cortei os verdes mais vivos que brotavam da terra. Derrubei muitas vezes os verdes de muitas nuvens. Só mesmo o meu terçado podia cortar o verde que corria pelo fio do vento. Fiz do trançado verde uma porção de estradas. Abri caminho no verde-labirinto. (Monteiro, 1975, p. 24).

Nesta prosa-poética, onde fala o mateiro-personagem principal da obra, o autor apresenta o instrumento de trabalho – no caso, o terçado de nº 128 – e a habilidade técnica de abrir caminhos em meio a uma extensa paleta de verdes, que forma o repertório de saberes do mateiro no ato de criar os percursos em meio a floresta-labirinto. O mateiro como trabalhador-criador que conhece e domina a natureza, transformando a natureza e a si mesmo, é o cerne dessa obra.

Neste panorama resumido, observamos que a constituição da função de mateiro está diretamente relacionada com o processo histórico colonial em que os saberes dos povos originários foram apropriados pelos colonizadores como forma de ocupação do território, exploração dos recursos naturais e desenvolvimento da economia e da ciência. Além disso, a função de mateiro se tornou um elemento simbólico presente na cultura popular, no sincretismo religioso e até mesmo em obras da literatura, constituindo um imaginário social rico e diverso.

Cabe agora sondar como a percepção contemporânea local vem enxergando este ofício, especialmente no contexto do oeste paraense, onde temos a Floresta Nacional do Tapajós e o desenvolvimento do turismo de base comunitária como alternativa para o desenvolvimento socioambiental de comunidades tradicionais, onde a ação de conduzir pela floresta vem sendo repensada e ressignificada pelos seus agentes.

Em conversas informais com pessoas de idade na cidade de Santarém, que contam suas vivências e memórias com o extrativismo, e mesmo familiares que trabalharam na

Amazônia durante o período dos soldados da borracha, época em que a intensificação da atividade econômica na floresta foi crescente e marcada pela extração do látex, me foi relatado que o termo “mateiro” representa aquele [geralmente homens] que entra e conhece a mata, com finalidade de caça, coleta de castanha, além de extrair outros frutos e remédios para sua subsistência e até comercialização, cuja habilidade advém de seus descendentes indígenas.

Cangusso (2021), por sua vez, afirma que a presença de mulheres exercendo o papel de auxiliares em expedições foi invisibilizada pela história, pois nas aldeias sempre houveram mulheres e crianças que tinham conhecimentos e habilidades em sua rotina na floresta, significando que esta atividade apresentava práticas complexas de participação e interação dos gêneros.

Noutras conversas, o seringueiro atuaria apenas na extração da borracha para fins de aviamento, já o mateiro seria fundamental para fazer picada na floresta, ação de demarcar e abrir caminhos. Embora isso ocorresse, em alguns casos, o seringueiro também praticava outras atividades em busca da complementação da subsistência sua e da família, praticando multifunções como caça, coleta de frutos, pesca e roçado. Segundo relato memorial escrito por Antônio Oliveira (2023) – antigo ex-morador da Flona, popularmente conhecido por Seu Mucura, 86 anos –, ele começou a riscar a seringueira com sete anos ao lado de sua família. Essa idade é recorrente para muitos dos guias e mateiros com os quais conversei e que atestam a fonte primeira dos seus conhecimentos como oriundos de seus pais em incursões com eles na floresta.

A Convenção 169/OIT – Povos Indígenas e Tribais colocou os conhecimentos tradicionais de “povos que vivem na floresta” num lugar de relevância para a ciência. Ratificando o direito dos povos interessados aos recursos naturais existentes em suas terras deverá gozar de salvaguardas especiais, o que inclui o direito desses povos de participar da utilização, administração e conservação desses recursos.

Nesse sentido, a experiência e conhecimento prático do mateiro se tornou indispensável para desenvolvimento e execução de pesquisas, em que se espera uma relação dialógica entre o conhecimento científico e o conhecimento nativo, durante percursos na floresta ou em regiões de difícil acesso. Isso é o que vem ocorrendo na Flona Tapajós, que passou a ser um espaço de extensa procura para pesquisadores, onde os mateiros vêm exercendo atualmente o papel de guias-colaboradores e auxiliares condutores de trilhas, atendendo demandas acadêmicas e de ecoturismo, tendo em vista

o apelo das belezas naturais da Unidade de Conservação, juntamente com um impressionante arcabouço cultural existente. Portanto,

Auxiliar, guiar e fornecer suporte logístico em viagens e trabalhos de campo empreendidos por expedições científicas na região amazônica são ações frequentes realizadas pelos denominados mateiros. Estes agentes sociais não têm uma formação acadêmica específica e são usualmente classificados como autodidatas. Seu conhecimento aprofundado e empírico dos diferentes ecossistemas da região amazônica os tornou detentores de um saber prático essencial ao desdobramento do conhecimento científico. (Nakazono, 2010, p.1).

Desde as primeiras conversas com lideranças das comunidades da Flona Tapajós, é destacado que o guia tem que ser, obrigatoriamente, nativo da comunidade, isso implica que nascer e pertencer ao lugar onde se está em interação com a natureza é uma prerrogativa indispensável do processo de aprendizagem e transmissão geracional de saberes, envolvendo os percursos na floresta.

Seu Dido, um mateiro condutor de 62 anos de idade, e com 23 anos de atividades exercidas como guia em Jamaraquá, afirmou:

“Nós se considera como mateiro mesmo, porque a gente nasceu aqui. Não nascemos na cidade, a gente é mateiro porque conhecemos a floresta, a gente entra na mata sem trilha, sem nada. **Tem que saber entrar e tem que saber sair. A cabeça da gente é nosso guia, nosso GPS.**” (Dido, 2024, grifou-se).

Essa fala coloca as habilidades de mateiro dentro de um sistema relacional com o lugar de origem e geracional com a comunidade/cultura de origem, apresentando um ponto de vista empírico que dialoga com o processo de maturação das capacidades e habilidades por uma forma de interrelação que entrelaça o organismo do sujeito com o ambiente onde vive e aprende:

Da mesma forma, as múltiplas habilidades dos seres humanos, de atirar pedras a lançar bolas de cricket, de trepar em árvores a subir escadas, de assobiar a tocar piano, emergem através dos trabalhos de maturação no interior de campos de prática constituídos pelas atividades de seus antepassados. Não faz sentido perguntar se a capacidade de subir está na escada ou em quem a sobe, ou se a habilidade de tocar piano está no pianista ou no instrumento. Essas capacidades não existem ‘dentro’ do corpo e cérebro do praticante nem ‘fora’ no ambiente. Elas são, isto sim, propriedades de sistemas ambientalmente estendidos que entrecortam as fronteiras de corpo e cérebro (A. Clark, 1997, p. 214). Segue-se que o trabalho que as pessoas fazem, estabelecendo ambientes para suas próprias gerações e as gerações futuras, contribui bastante diretamente para a evolução das capacidades humanas. (Ingold, 2010, p.16).

Portanto, o autorreconhecimento como mateiros vem principalmente das pessoas mais antigas da comunidade que começaram a entrar na floresta com seus pais, a partir dos seis, sete anos de idade, acompanhando os adultos em coleta de frutos, roçados e extração de látex. Nesses percursos, o aprendizado acontecia na própria vivência prática.

Entretanto, apesar de nascidos e criados nessas comunidades, muitos saíram para as cidades vizinhas em busca de trabalhos diversos e depois voltaram. Esse fluxo de saída-retorno também marca a adesão de novos guias pela oportunidade de voltar ao seio comunitário para exercer uma função rentável, encarada como meio de sustento e ao mesmo tempo como responsabilidade de assumir uma tarefa em que se tornam representantes “oficiais” dos saberes coletivos.

Sobre a transição para guia-condutor de ecoturismo

A atividade de guias, voltada para atender o turismo, tanto científico quanto de ecoturismo, é um pouco mais recente e está atrelado ao movimento de criação da Unidade de Conservação em questão, a Flona Tapajós, em 1974, que por sua vez relaciona-se ao processo de reconhecimento pelo Estado e autorreconhecimento dos povos e comunidades tradicionais da Amazônia. Ao longo desse tempo, vários debates ocorreram e continuam ocorrendo entre os moradores e os órgãos responsáveis, com intuito de buscar formas de viver dentro da UC citada sem prejudicar o meio ambiente e viabilizando o sustento dessas famílias. Assim, foi criado um plano de manejo para a Unidade de Conservação, que em 2023 registrou o maior número de pesquisas científicas verificadas pelo sistema (SISBIO).

A Flona do Tapajós tem a missão de: “Conservar amostra representativa da Floresta Amazônica no Baixo Tapajós, promover a pesquisa científica e o desenvolvimento socioambiental a partir do uso público e da gestão comunitária sustentável dos recursos florestais”. (Plano de Manejo da Flona do Tapajós, 2021, p.13).

De acordo com os dados do SISBIO, em número de pesquisas, a Flona Tapajós segue sendo a UC mais pesquisada da Amazônia, com 69 autorizações emitidas, via SISBIO em 2023. (flona_tapajós, 2024, fonte: https://www.instagram.com/p/C23NqAHJxk0/?igsh=MWYxdTh3OHJiZzduNA%3D%3D&img_index=1).

Nesse contexto, o Turismo de Base Comunitária se constitui uma estratégia para atender o fluxo de visitantes, gerando renda aos comunitários envolvidos. Além disso, outras atividades se fortaleceram com apoio e parceria de diversas ongs e instituições, que trouxeram formação em áreas como produção de móveis artesanais, biojóias confeccionadas com sementes coletadas na Flona, encauchados (técnica de usar o látex para fazer objetos), mantas de “couro ecológico” confeccionadas com látex, além de óleos vegetais da andiroba e copaíba que são medicinais.

A partir desse movimento de entidades, as comunidades começaram a se organizar em Associações e buscar a mobilização dos moradores para atender a demanda crescente de condução nas trilhas. Como muitos moradores têm relações de parentesco, os mateiros mais antigos eram responsáveis por transmitir seus conhecimentos aos parentes mais novos, dando seguimento a outra geração de guias, agora voltados ao turismo de base comunitária.

Conforme exposto, o turismo de base comunitária é fundamental para o desenvolvimento econômico das comunidades que tem um território com grande potencial turístico ao longo de extensas praias no rio Tapajós. Trata-se de

um modelo de gestão da visitação protagonizado pela comunidade, gerando benefícios coletivos, promovendo a vivência intercultural, a qualidade de vida, a valorização da história e da cultura dessas populações, bem como a utilização sustentável para fins recreativos e educativos, dos recursos da Unidade de Conservação. (ICMbio, 2018, p. 10).

Minha presença na Flona se deu pela atuação da Universidade Federal do Oeste do Pará-Ufopa em pesquisa nesse território, estando vinculada ao projeto Territórios sociobiodiversos no Maranhão e Pará: ambiente, conhecimento e sustentabilidade – Amazonia + 10 Oeste do Pará. Nesse ínterim, foram realizadas várias incursões nas comunidades onde tivemos a oportunidade de percorrer as trilhas que fazem parte do turismo comunitário. São três trilhas oficiais: na comunidade de Jamaraquá –Trilha do Piquiá⁵ – com cerca de 9,5 km; na comunidade de Maguary – Trilha da Vovózona⁶ – com 14km; e na comunidade de São Domingos –Trilha do Curupira⁷ – com extensão de 10,5 km. Tendo a possibilidade de escolher versões de trilhas reduzidas, moderadas ou a mais longa e completa, de acordo com a resistência física. Desta forma, entrei em contato com a atividade dos guias condutores, que são previamente contratados entre os moradores da comunidade e que atuam na Associação local.

⁵ Nesta trilha existem muitos piquiás (*Caryocar villosum*) que, segundo pesquisas, podem ser tão antigos quanto as populares samaumeiras (*Ceiba pentandra*) da Flona. É também uma trilha de coleta desses frutos, muito apreciados na gastronomia tradicional, de onde também se extrai o óleo medicinal, para uso em massagens e hematomas.

⁶ Nome carinhoso dado pelos condutores comunitários à maior e mais antiga Samaúma conhecida da Flona Tapajós. Outras Samaúmas, de menor porte, também recebem nomes como: “baby”, “mamãe”, “netinha”. Encontramos ainda os restos de uma Samaúma em decomposição que há alguns anos caiu por conta de tempestades. Ela é chamada de “vovô”, haja vista estar localizada próximo à “vovózona” que agora é “viúva”. A personificação das árvores como sendo uma família, denota a intimidade e o modo de relação entre os comunitários e a floresta.

⁷ O nome faz referência à entidade encantada que mora e protege a floresta. É comum os guias narrarem histórias de aparições da Curupira, também chamada de “Minha vovó”, “Mãe-da-Mata”, entre outros nomes.

Tive essa experiência algumas vezes e consegui observar a atuação do guia condutor no percurso e como essa mediação com a floresta acontecia, ativando nosso interesse nos vários elementos que compõem a riqueza da biodiversidade e da cultura encontrada nesse ambiente. Consegui percorrer a Trilha do Curupira e a Trilha da Vovozona por duas vezes cada; e a Trilha do Piquiá em uma ocasião. Além disso, transitei no entorno de todas as comunidades, observando o movimento de visitação, conversando com os guias e algumas lideranças. Também estive em contato com um visitante que fez todas as trilhas e conversou bastante com os guias. Nesse processo, descobri que somente na comunidade de Jamaraquá há um número expressivo de guias mulheres, aproximadamente 15. Também fui informada que na comunidade Maguari, um grupo de guias mulheres vêm sendo preparado para um “estágio” nas trilhas junto aos condutores mais experientes, durante a próxima alta de temporada que começa em julho.

Nas referidas trilhas, onde estivemos com diferentes condutores, foi possível constatar como cada mateiro/guia tem um arcabouço de conhecimento particular e diferentes capacidades de promover dinâmicas de relação entre os visitantes com a floresta, tornando cada incursão, literalmente, um acontecimento único, ainda que venha se repetir a mesma trilha, fator esse que norteou a escolha do tema de pesquisa. Um episódio marcante, nesse sentido, que eu chamo de *O encontro com o pequeno sapo-folha* chamou minha atenção para como se aprende a olhar e “ler” tamanho universo de miudezas e grandezas – o micro e o macro – dentro desse território felizmente preservado.

No trajeto da estreita e longa trilha de mata fechada – no caso, a Trilha da Vovózona – onde o chão está coberto por camadas de folhas que caem das diversas árvores, de vários portes, fomos parados pelo guia, Seu Peba, 60 anos, para observar um sapo. O problema estava em não conseguirmos vê-lo imediatamente, sem uma minúcia de atenção, até começarmos a perceber a silhueta de uma espécie de sapo singular, por mim desconhecida, com cerca de oito centímetros, e que se apresentava da mesma cor e aparência das inúmeras folhas caídas ao seu redor, esse era o sapo-folha (*Proceratophrys boiei*), delicado e surpreendente. Foi realmente espantoso ver a capacidade de nosso guia enxergar, no movimento do caminhar, este minúsculo e camuflado ser que jamais conseguiríamos perceber sem sua ajuda e habilidade. Nesse sentido, a necessidade de entender como isso se dá no aprendizado e na transmissão desse conhecimento, construído nos corpos dessas pessoas que são agentes fundamentais para a interação dos que buscam conhecer e pesquisar a biodiversidade deste território, consolidou meu interesse pela pesquisa.

Curiosamente, o olhar e o nível de conhecimento de cada agente que nos guiava, se mostravam em diferentes graus de percepção, ainda assim, sempre interessantes. Penso que ao menos três fatores devem ser considerados nessas variações: 1 – a idade da pessoa; 2 – o tempo de atuação na atividade; 3 – a relação de vivência e engajamento com a comunidade e a floresta. Uma dos condutores que nos acompanhou sintetizou o conhecimento dos guias em uma importante frase: “*guiar não é só levar*”, demonstrando que a interação com as pessoas conduzidas tende a ter outras preocupações, por exemplo: o conhecimento das espécies de fauna e flora existentes; a demonstração de artesanias com trançados de palha; habilidade com sons e assovios imitando pássaros; capacidade de responder curiosidades sobre o modo de vida na Flona; cuidados com plantas tóxicas e animais peçonhentos; observação constante de medidas de segurança junto aos guiados; ser uma liderança-guia na trilha; ser um representante “oficial” da cultura local.

Em cada um dos percursos que fizemos, tivemos um condutor diferente, pois há um rodízio de guias conforme o movimento de visitas, acionando o guia que estiver na vez disponível. Esse sistema está relacionado à organização de cada Associação dessas três comunidades que criaram um Estatuto, onde a atividade dos guias é normatizada. Buscamos acesso ao documento, porém, em reunião comunitária, ficou decidido que não poderia ser cedido.

Nestas comunidades, os guias recebem, esporadicamente, treinamentos e formações complementares relacionados com o atendimento turístico, primeiros socorros, combate a focos de incêndio, fornecido por instituições parceiras com autorização do ICMbio. Desse modo, ao conhecimento local dos guias é acrescentado um novo repertório de conhecimentos, práticas e saberes. Uma necessidade recorrente nas conversas entre os guias é o domínio da língua inglesa, já que há um grande fluxo de estrangeiros, havendo dificuldades de comunicação e mediação durante as demonstrações. Alguns trazem interpretes, outros não; nesses casos, ainda é possível improvisar outras formas de comunicação através do “portunhol”, segundo os guias. Os mais velhos esperam que os guias mais novos possam se interessar em aprender outra língua para qualificar o atendimento.

Embora haja um revezamento entre os guias, que organiza e distribui a demanda de grupos de visitantes, pesquisadores e turistas para as trilhas, esses agentes também podem passar a vez ao próximo da fila em caso de indisponibilidade. Na maioria das vezes, o guia é contactado previamente, já que cada comunidade tem seu ponto de referência de onde se parte para trilha. Na entrada de cada trilha existe uma placa de

apresentação do percurso que faz parte de um protocolo de apresentação aos grupos e onde geralmente os turistas fazem suas fotos como forma de comprovar sua “aventura”. Cada placa contém um mapa com informações básicas da trilha como: distância em quilômetros, quais atrativos principais, árvores centenárias e igarapés. Existe uma tabela de preços que atualmente varia de R\$ 150,00 à R\$ 800,00, dependendo do número de pessoas e do quantitativo de guias necessários, sempre respeitando um limite em função dos impactos que a presença humana pode vir causar, especialmente entre os animais. Os grupos variam de 2 a 20 pessoas, podendo também alterar o número de guias no acompanhamento, conforme as características dos grupos. Segundo a tabela atual, é recomendada a razão de 1 guia para cada 4 pessoas.

Geralmente, os guias se apresentam trajados com a camisa da Associação da comunidade, calça ou bermuda, sapatos fechados e uma pequena mochila onde carregam poucas coisas, que inclui uma garrafa com água, um lanche que pode ser uma fruta, ou biscoitos, além de isqueiro e lanterna. Na cintura, o imprescindível facão, que é preso ao corpo de alguma forma improvisada. Seu ritmo de caminhada segue de forma moderada com breves paradas para observação de espécies de árvores, explicando qual é a espécie, utilidade ou peculiaridade e quando se avista algum animal, inseto ou plantas tóxicas. Nesses momentos, o grupo aproveita para registrar com fotos ou filmagens. O guia segue sempre à frente e o restante em fila indiana, pois as trilhas na Flona não são tão largas na maior parte do percurso. Há alguns pontos de parada onde existe um mirante com uma estrutura de madeira construída pelos comunitários, através de projetos de manejo e planos de extração coordenada de madeira apresentados ao ICMbio, e que serve como momento de um breve descanso, lanche e contemplação de uma vista panorâmica da floresta e do rio, já que todas as trilhas seguem em elevação até alcançar terreno onde se encontra a floresta primária com áreas de terra-preta⁸. Nestes pontos de mirantes, também pode-se pernoitar, ou seja, passar a noite em um barracão construído a fim de experimentar as sensações da floresta noturna. Entretanto, nem todos os guias efetivos realizam esta prática, que parece demandar um conjunto ainda mais antigo de saberes. Lembremos que saber dormir na mata é uma experiência reconhecida na prática dos mateiros.

⁸ Terra Preta Antropogênica (TPA), também conhecida como Terra Preta ou Terra Preta de Índio [...] os arqueólogos perceberam que a terra preta é o resultado da ação humana ao longo de milhares de anos de ocupação. (Py-Daniel *Et al*, 2017, p. 15).

Várias instituições de pesquisas, monitoramento, bioeconomia e entidades sociais visitam e atuam nessa Unidade de Conservação, gerando, além da produção de conhecimento em diversas áreas, um movimento turístico científico. As comunidades em questão, também oferecem restaurante gerido pelas famílias, servindo peixes da região, ou a galinha caipira que também é uma opção. Também há a produção de artesanato com matéria-prima da floresta como biojóias confeccionadas com sementes diversas entre outros acessórios derivados do látex coletado e processado em técnicas diferentes em cada comunidade. Em Jamaraquá e Maguari, é possível encontrar uma lojinha comunitária voltada somente para venda desse artesanato, onde artesãs e artesãos estão organizados em uma Associação. Já na comunidade de São Domingos ainda não há esse tipo de lojinha, embora existam projetos que incluem essa demanda. Cada comunidade oferece um local para pernoite como redários ou chalés que atendem por agendamento de reserva. Tudo gira em torno de articulações prévias com os representantes de cada lugar.

Diante dessa intensificação de visitantes, criou-se a demanda de aumento do número de guias para atuar nas trilhas, agregando os familiares e jovens nesta atividade, principalmente nos períodos de alta temporada entre os meses de julho à janeiro. Meu interesse se deu na atuação desses agentes e em busca de saber como se formam e se distinguem suas identidades de atuação, enquanto categoria que define o que são mateiros e guias, a partir das transformações ocorridas com mudanças na organização do território em UC; e como se processa a transmissão de seus conhecimentos e saberes, de como essas habilidades se amalgamam a outros conhecimentos e contribuem para a construção/ressignificação social desse agente que considero imprescindível para a manutenção dessa atividade e conseqüentemente da própria floresta.

Parte da resposta a essa questão está na vivência desses agentes em seus territórios onde sua relação com a natureza e sua experiência prática, simbólica e social é compartilhada entre os mais velhos e os mais novos. Ingold aborda a natureza dual deste repasse que, ao mesmo tempo é um fazer que reproduz o conhecimento já existente e por outro lado, cria um movimento original, tornando-se um novo conhecimento.

A similaridade é dada desde o início. As jornadas, no entanto, só podem ser comparadas retrospectivamente em termos do caminho andado. Assim como acompanhar alguém é andar o mesmo caminho através do mundo de experiência vivida, lembrar é também a pessoa refazer seus passos. **Mas cada repasse é um movimento original, não uma réplica.** (Ingold, 2010. p. 23, grifo meu).

Nesse sentido, o processo de conhecimento e transmissão está presente nessa jornada da “educação da atenção” posta por Ingold (2010, p. 19), tendo a experiência

vinculada aos laços parentais pertinentes ao viver nesse ambiente. O que, também, nos aproxima do princípio de saber orgânico, que relaciona a sabedoria com a vida em uma comunicação harmoniosa, no sentido de equilibrada, como argumenta Nego Bispo: “Então, quando dizemos que os nossos saberes são orgânicos, é porque são saberes voltados para o ser, voltados para a vida. São saberes resolutivos.” (Dorneles, 2021, p. 17), no sentido de alcançar, resolutamente, um nível de sabedoria e bem viver que possibilite “transformar as nossas divergências em diversidades e na diversidade atingirmos a confluência de todas as nossas experiências” (Bispo dos Santos, p. 91). Entretanto, se para Ingold a educação da atenção é uma questão de processo vital entre o organismo e as estruturas do ambiente em mútua complementação, para Nego Bispo trata-se de uma questão de saber orgânico: sincrético, tradicional, não-científico (Bispo dos Santos, 2023). O que não quer dizer que esses saberes não possam ser interativos e até mesmo colaborativos, a exemplo da atividade de guia/mateiro que absorve os saberes oriundos de cursos e treinamentos, agregando-os com os conhecimentos tradicionais que carregam na vida, muito embora também não seja impeditivo de que uns saberes se tornem invisibilizados em função de outros (Costa, 2022).

A análise dessas duas categorias pesquisadas, possibilitou sistematizar um quadro, onde podemos observar as principais diferenças e aproximações encontradas:

Tabela 1 – Contrastes entre Mateiros e Guias

MATEIROS	GUIAS
“Tem que saber entrar e saber sair” (Seu Dido, 62 anos)	“Guiar não é só levar” (Ivanilda Rodrigues, 38 anos)
Tem que ser nativo	Tem que ser nativo
Criam trilhas, abrem picos	Seguem e permanecem nas trilhas
Aprenderam com os pais [Saberes orgânicos]	Recebem treinamentos, cursos, intercâmbios, e fazem estágio na trilha com os mais experientes [Saberes orgânicos e sintéticos]
Caçam, pescam, praticam o extrativismo	Voltados ao turismo de base comunitária
Pernoitam na mata	Apenas os mais experientes
Antecedentes Histórico-coloniais	A partir da criação da Unidade de Conservação
Podem se tornar guias	Podem se tornar mateiros?
Atuam de forma autônoma	Estão organizados em Associações Comunitárias

---	Têm sua atividade e renda normatizadas em Estatuto comunitário
Iniciam seu aprendizado ainda crianças [em torno dos sete anos]	A partir dos 17 anos, conforme informado [Estatuto]

Fonte: autora (2024)

Neste quadro, a intenção foi demonstrar que cada categoria ou nomeação segue linhas de aproximação que não são excludentes umas das outras, mas carregam forças e temporalidades diferentes e complementares, além de situações contrastantes de idade e temporalidades históricas em que as organizações coletivas vêm cumprindo um papel fundamental na atuação desses agentes, os quais ganharam novas configurações ao longo dos últimos quinze anos. Sendo uma dessas, a presença crescente de mulheres e jovens em atividades como: artesanato, hospedagem e guias, constitui uma geração de indivíduos que buscam se aprimorar e trazer sustento e autonomia para a comunidade. Além disso, pude perceber que algumas guias mulheres tendem destacar em suas trilhas conhecimentos relacionados aos interesses femininos, por exemplo: remédios nativos para infecção uterina, abortivos, banhos de asseio, defumações para casa, resinas perfumadas e de uso cosmético, o que exigirá maior aprofundamento da pesquisa – enfatizo o caso da guia Tânia, da Comunidade Jamaraquá, que apresentou a árvore “Lacre”, de cuja seiva se extrai o “esmalte da floresta”, uma referência feminina para seu uso.

Por fim, os contrastes verificados entre os saberes e habilidades-raízes que se originaram na função de auxiliares-mateiros vêm sendo reconfigurados na atuação e no modo de organização dos guias, indicando que a identidade do mateiro – guia – condutor comunitário, no turismo de base comunitária, encontra-se em processo de autoafirmação e consolidação.

Considerações finais

Compreendo que esses agentes – sujeitos da minha pesquisa – apresentam riqueza de saberes e tradições na sua forma de relação com o ambiente da Flona e a vida comunitária. Sobretudo, é graças a floresta que seus saberes resistem, do mesmo modo que seus saberes também possibilitam a floresta resistir e se manter viva.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Adriano; BASTOS, Geovane. **Caboclo Mateiro** [Álbum Caprichoso 2008: O Futuro É Agora]. Parintins: Boi Bumbá Caprichoso: 2008, 4'7 minutos.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **Colonização, Quilombos: modos e significações**. Brasília: UnB/Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação-MCTI, 2015.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra dá a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

BRASIL. **Decreto N° 10.088, de 5 de novembro de 2019**. Consolida atos normativos editados pelo Poder Executivo Federal que dispõem sobre a promulgação de convenções e recomendações da Organização Internacional do Trabalho - OIT ratificadas pela República Federativa do Brasil. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/decreto/D10088.htm#anexo72 acesso (05/07/2024).

CLARK, Andy. **Being there: Putting brain, body and the World together again**. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1997.

CANGUSSU, Daniel. **Manual do Indigenista Mateiro**. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-graduação em Gestão de Áreas Protegidas da Amazônia). Manaus: INPA, 2021.

Cartilha plano de manejo da Flona do Tapajós [livro eletrônico]. 1. ed. Brasília-DF: Instituto Chico Mendes - ICMBio, 2021.

Convenção nº 169 da OIT sobre Povos Indígenas e Tribais. Disponível em <https://www.oas.org/dil/port/1989%20Conven%C3%A7%C3%A3o%20sobre%20Povos%20Ind%C3%ADgenas%20e%20Tribais%20Conven%C3%A7%C3%A3o%20OIT%20n%C2%BA%20169.pdf> acesso (05/07/2023).

COSTA, Felipe. **Colaboração nas Entrelinhas: os mateiros de ontem e de hoje e o papel dos conhecimentos tradicionais para o desenvolvimento da pesquisa científica na Amazônia**. São Paulo: Editora Dialética, 2022.

COSTA, Felipe. **Colaboração nas entrelinhas: Do “guia nativo” ao mateiro - A importância dos conhecimentos tradicionais para a pesquisa científica na Amazônia**. Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

DORNELES, D. R. Palavras germinantes. *In: identidade!* São Leopoldo. V. 26, n. 1 e 2, p. 14-26, jan./dez. 2021.

Floresta Nacional do Tapajós: UC mais pesquisada em 2023. Postagem: https://www.instagram.com/p/C23NqAHJxk0/?igsh=MWYxdTh3OHJiZzduNA%3D%3D&img_index=1 acesso (05/07/2024).

INGOLD, Timothy. Da transmissão de representações à educação da atenção. *In: Educação*, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, jan./abr. 2010.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário**. Belém: Cejup, 1995.

MONTEIRO, Benedicto. **O Minossauro**. Rio de Janeiro: Novacultura, 1975.

NAKAZONO, Erika Matsuno. O Mateiro e a Pesquisa Científica. *In*: Almeida, Alfredo W. B. de et al. (orgs). **Caderno de Debates Nova Cartografia Social: conhecimentos tradicionais na Pan-Amazônia**. Manaus: Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia. Manaus: UEA Edições, 2010. p. 64-71.

OLIVEIRA, Antonio de (Seu Mucura). **Resex: Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns – Conhecer a vida é viver a vida**. Santarém-Pará: Edição de autor, 2023.
PY-DANIEL, Anne Rapp [Et al]. **Arqueologia e suas aplicações na Amazônia**. Belém: Museu Emílio Goeldi/Universidade Federal do Oeste do Pará-Ufopa, 2017.
(Arqueologia nas Escolas – Histórias da Amazônia)

PRANDI, Reginaldo (Org.). **Encantaria brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados**. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

Turismo de Base Comunitária em Unidades de Conservação Federais: Princípios e Diretrizes [cartilha eletrônica]. Instituto Chico Mendes-ICMbio, 2018.